

Invicta *Cine*

ANO X

N.º 168



LILIAN HARVEY

SEMÁNARIO ILUSTRADO
DE CINEMATOGRAFIA

PREÇO

50
c.^{os}



Invicta Cine

SEMANÁRIO ILUSTRADO DE CINEMATOGRAFIA

-SINGRANDO CONTRA TODAS AS PROCELAS-

DIRECÇÃO E EDIÇÃO DE:
ROBERTO LINO
E
SOUTINHO D'OLIVEIRA
REDACTOR PRINCIPAL:
ALVES COSTA
ADMINISTRADOR:
JOAQUIM TEIXEIRA
PROPRIEDADE DA
EMPRESA INVICTA-CINE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO PROVISÓRIA:
RUA DAS MUSAS, 45-PORTO (PORTUGAL)

ANO X
Número 168
PORTO
7 DE MAIO
1932

COMPOSTO E IMPRESSO NA TIPO-LITO
GONÇALVES & NOGUEIRA, LIMIT.-PORTO

REDACTORES:
LISBOA: FERNANDO BARROS
E AGUINALDO MACHADO
PARIS: DANIEL MAYBON, ROBERT
GAILLARD, GEO POIRIER E MAURICE
HILÉRO
NOVA-YORK: ARTUR COELHO
VIENA (AUSTRIA): FRITZ MIKO
ROMENIA: SAMUEL STEINBERG
COLABORADOR ARTÍSTICO:
FERNANDO LACERDA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

OLYMPIA

Apresenta na próxima 2.^a feira
a encantadora **MARION**
DAVIES e **RALPH FORBES** em

O Pai Celibatário

Uma deliciosa cine-comédia
realizada por
ROBERT Z. LEONARD



A nossa homenagem à madrinha

O elogio de Lilian Harvey

Aqui se fala da sua vida íntima e cinematográfica, frizando-se também a sua importância como artista.

Ela e Nós Há escritores e jornalistas que gastam páginas e páginas, colunas e colunas de prosa descrevendo e analisando qualquer personalidade artística. Entranham-se em profundas conclusões, viram-no de baixo para cima, voltam-no das costas para o peito, prescrutam-lhe a alma e a mente, para no fim não dizerem todo o necessário de forma a imprimi-lo nos caracteres que vão ser lidos pelo público. E o artista analisado, porque não tem força natural suficiente, de expressão, para deixar o público entrever a sua própria individualidade através dos seus papeis desempenhados embora com talento, fica sempre incompletamente demonstrado através dos artigos que à sua roda se tecem, porque o próprio articulista não conseguiu focá-lo integralmente.

Há sempre um pouco de desconhecido que, por mais que pretendamos descobrir, jámais flue à superfície.

Vejam o Jannings. Na vida é dum temperamento diferente daquele apresentado no «écran». E esse intervalo que vai da realidade à ficção da arte é imprescrutável no todo, por mais que os escritores o demonstrem com visos de verdade.

Greta Garbo, Marlene Dietrich e outros estão no mesmo caso. Uma excepção pode-se abrir a Lilian Harvey. Basta o nome para revelá-la na sua máxima ampliação, desde o «écran» à vida íntima.

E' que Lilian tem nos seus filmes o reflexo do seu próprio temperamento particular e que se torna portanto comum.

A sua figura infiltra-se de tal modo, insinuatamente, no olhar das platéas que estas não duvidam um instante sequer do seu espirito franco, comunicativo e convincente.

Quando olhávamos a Ossi Oswald, a Mady Christians, ou a Clara Bow, quando olhamos hoje a Kate de Nagy ou a Marie Glory, essas mulheres encantam-nos também, seduzem-nos o espirito da mesma maneira, mas não conseguem insuflar-nos esse fluido vivo e natural da Lilian, que é o reflexo da sua alma latente no celuloide.

Qualquer das outras, findo o espectáculo, fica vagamente na ideia, a dansar alegremente, para nos adormecer satisfeitos.

Com Lilian é diferente: à saída falta-nos qualquer coisa; parece que nos esquecemos duma irmã muito alegre e muito querida, no salão. Ela torna-se «nossa» nos seus filmes e seria difícil convencerem-nos, ao vê-la, de que ela não está ali, só para nós e a pensar na gente.

* * *

Há artistas, embora raras, que são levadas às culminâncias da fama porque se bastam a si próprias. Surgem num filme sem grandes nem ditirâmicos reclames, por vezes em insignificantes papeizinhos e fixam-se indelévelmente aos olhos do público. Não necessitam dessa alavanca espalhafatosa e bombástica tão vulgar nos Estados Unidos que é a publicidade-reclame, origem e base da popularidade de tantas vedetas ócas do cinema. Os seus vultos recortam-se atraentes no «écran», nos mínimos gestos e nas mais insignificantes atitudes.

E essa simpatia que nos inspiram, vale mais do que as buzinas troadoras e *épatantes* de Hollywood — os milhares de encómios — a propaganda e as centenas de fotografias. E' pelo menos a que cimenta com mais solidez a fama e a admiração das futuras «estrelas». Mas torna-se também necessária que a «noviça-cinegráfrica», ao fulgurar no espaço astronómico das imagens, saiba conduzir-se sempre sem abandonar a sua inicial linha de conduta, para que, fascinada com os raios solares da celebridade, se não perca no abismo da tentação, como sucedeu com Clara Bow.

Lilian marcha sempre em linha recta e ascendente, sem se lançar nos disparates e leviandades que poderiam derrubá-la. Verdade que está muito longe do ambiente excitante da Cintelândia.

Quando ela surgiu pela primeira vez nas nossas telas, não tinha ao menos uma publicidade regular de antecipação para cativar mais os cinéfilos. O cartaz anunciava uma nova artista — um nome apagado — Lilian Harvey — que não atraía por si só. Mais nos prendia a nacionalidade da película, nesse tempo em que os alemães começavam a dar-nos essa fartura de bons filmes — especialmente os rotulados *Ufa*, que tanto nos seduziram. *Amor e Clarins*, mostrava-nos já alguém conhecido e simpático ao nosso público, Harry Liedtke, mas ao vê-se o filme, aquela expressiva e encantadora boneca do primeiro papel feminino jámais se pôde olvidar.

Foi este o seu primeiro contacto — e memorável — com o nosso público.

A sua vida «A sua vida»: o leitor, sempre que vê esta frase referente às estrelas do cinema, palpita logo uma história trágica, cheia de vicissitude de que a vedeta é heroína, arrostando com grande temeridade os revêzes da sorte. Com efeito, a maioria das «stars» do cinema contam a sua história mais ou menos pintada de negros, obscuros e difíceis momentos, para lhes dar um ar mais audacioso e acolhedor da parte de certo público. Algumas tem-na na verdade; outras forjam-nas para réclamo e para se darem ares de «conquistadoras».

Lilian conta a sua sem pinceladas fortes, nem exageradas, limitando-se à sobriedade indispensável duma mulher que conta simplesmente a sua vida. E é sob essa mesma disposição que pretendemos dá-la aqui aos leitores.

Quando Lilian Harvey começou a tornar-se nossa conhecida, surgiu logo no nosso meio a complicação da sua nacionalidade. Uns diziam-na alemã de origem; outros, inglesa. Mas ela lembrou-se de pôr os pontos nos ii, esclarecendo que nascera em Londres no dia 19 de Janeiro de 1907.

A sua família era das mais desafogadas e Lilian conheceu os seus primeiros anos de existência numa vida bonançosa com todos os mimos naturais das pequenas cujas famílias podem satisfazer-lhes quasi todos os caprichos. Vivía numa encantadora vilazinha rodeada dum grande parque onde passou muitos dias os seus ócios de pequerucha.

Em 1914, contava ela então sete anos de idade, veio à Alemanha, com seus pais, de visita a uns parentes e logo após a sua chegada tinha início a tremenda hecatombe que enlutou o mundo. Enquanto os seus ficavam considerados prisioneiros civis e perdiam todos os bens que se achavam em Inglaterra, Lilian como criança, continuava livre. Por isso, foi matriculada numa Escola de Berlim e, a conselho de alguns médicos, dada a sua defeituosa compleição física e porque era um pouco raquítica, ingressou num curso de baile sob a direcção de Mary Zimmermann. Aqui pôs em evidência uma bela disposição para a coreografia, tornando-se uma das melhores alunas; ao contrário, na sua educação literária parece nunca ter passado duma fraca discipula.

Entretanto, no decorrer do seu desenvolvimento físico pela dança e sob a influência do ambiente que respirava, Lilian foi-se «aclimatando» e tornou-se uma rapariga ver-



dadeiramente alemã de aparência. E daí nasceu talvez a confusão, acerca da sua origem.

Quando se deu o armistício contava ela onze anos e não voltou para o seu país natal. Continuou a vida na Alemanha, a princípio tão estranha e então já bem conhecida.

Alguns anos passados, Mary Zimmermann formou uma «troupe» constituída por algumas das suas alunas bailarinas e incluiu Lilian, para se dirigir a Budapeste. Lá, graças ao sucesso conquistado, foi Lilian Harvey contratada para trabalhar num teatro de Viena. Tempo depois passa para o *Franckfurt* de Berlim e aí foi descoberta por Richard Eichberg, da Ufa. Nesta altura, como estão a vêr, começa a entrar na história o cinema. Eichberg ficou encantado ao vê-la dançar e não hesitou em procurar ser-lhe apresentado para convencê-la a trabalhar nos filmes. O resultado já o sabeis.

Reza a história, que algum dia um director convidando um ser estranho a fazer parte do cinema, visse a sua pretensão recusada? E Lilian muito menos recusaria, dada a sua natural tendência para a arte cinematográfica.

A sua carreira

Contava dezasseis anos (1923) aquela que mais tarde deveria tor-



nar-se a ingénua querida da Europa, quando debutou na cinematografia em *Der Fluch* (Maldição) que nós não vimos nunca e onde ela aparecia *sob um aspecto muito diferente daquele em que a conhecemos e no qual se achava muito natural*. Em seguida, voltou aos palcos de algumas capitais europeias nos seus atraentes bailados.

Esteve em Budapeste, em Praga, em Viena, etc.

O primeiro passo, na arte que a tornaria mais tarde popular, estava dado, e com uma firmeza louvável. Ela sabia que era uma questão de tempo.

Não se preocupou por isso em conseguir logo novo trabalho e continuou a sua rota antecedente.

Era mais agradável ser procurada, do que ter de andar a pedir de porta em porta, pelos estúdios novo trabalho. E não esperou em vão. Dois anos depois, em 1925, Robert Land, realizador de várias películas interpretadas pelo conhecido Harry Liedtke, lembrou-se da jovem descoberta por Richard Eichberg e contratou-a para um dos primeiros papéis de *Die Liebschaften Der Hella Von Gilsa* (Amor e Clarins) a interessantíssima comédia em que Lilian apareceu pela primeira vez no nosso país. E' com este filme que a sua actividade cinematográfica toma um carácter intensivo. Trabalhou então em tantos outros filmes, quasi todos cá apresentados e os quais citamos noutro lugar pela respectiva ordem cronológica. Em cada película, a ex-bailarina conquistava novas simpatias. Cada trabalho constituía uma vitória sobre os antecedentes. Asssim trilhou airoosamente a vida das imagens, tornando-se a mais aplaudida ingénua dos cinéfilos europeus. Hoje Lilian, com Kate de Nagy e Anny Ondra, fórma o mais belo trio das raparigas alegres do cinema da nossa época. Quaisquer delas é recebida com grande satisfação, mas Lilian Harvey sobleva todos os entusiasmos. Não se trata duma artista que prenda somente porque seja atraente e duma alacridade invulgar. Ela, apoiada nesses elementos preponderantes de sedução das plateias, dá-nos também, adentro dos limites dos seus

papéis, manifestações dum fino temperamento de artista, vibrando ao calor das melhores emoções. Ri, chora, amúta e diverte-se; e em qualquer dessas facetas da comédia da arte, sempre entenece e entusiasmo pela sinceridade dos seus sentimentos, sempre seduz pela graciosidade das suas atitudes.

Em *Qual das Duas?* e *O Sinalzinho Preto*, vimo-la desempenhar uma dualidade de papéis absolutamente diversos e em qualquer dêles ela se saú admiravelmente — quer na loira ingénua de sempre, quer na morena impetuosa e violenta cuja figura constituía o seu duplo papel em ambos os filmes.

Já ninguém desconhece as complicações surgidas com a adunção da palavra à imagem. Uma delas, a da fonogenia, mais importante ainda que a questão dos idiomas hoje resolvida pelos «dubbings» ou pelas versões nas línguas em que se quer fazer compreender a película, mereceu atenção tão especial que vários artistas de filmes mudos se viram irradiados da actividade ante-«camera» associada ao «micro».

E vejam, as vedetas de hoje com maior sucesso alcançado são quasi tôdas recém-vindas, chamadas dos palcos pelas exigências do sonoro. Basta citar Maurice Chevalier, Jeannett Mac Donald, John Bolles, Denis King.

Lilian Harvey foi uma das que ficaram e com a extraordinária vantagem de vêr o seu nome continuar na ascensão de antes e agora com mais evidência ainda.

Dizer pois que ela é actualmente a mais querida artista europeia, não é favor nenhum, mas corroborar o que salta bem à vista de toda a gente.

O primeiro filme que sentiu gravada a sua voz foi *A Valsa do Amor*, ao lado do apreciado galã Willy Fritsch, que melhor emparceira com a sua frágil figurinha de mulher. A propósito dêste filme disse alguém que êle «teve o mérito de romper sem violência, mas nitidamente, com o erro americano e de procurar dêsse modo o caminho do esforço decisivo que no mesmo ano levaria a realizar o inolvidável «Caminho do Paraíso».

Seguiu-se então esta maravilhosa opereta dando um arranco notável de expressão dentro da nova modalidade e mostrando-nos Lilian ao lado de três bons «copains» num papel de relêvo em que as suas aptidões atingiram um poder mais invulgar de sedução.

Wilhelm Thiele guiou-a e compreendeu-a.

Continuando, deu-nos outras interpretações mais ligeiras e superficiais em *O Cruzeiro do Amor* e *A's Ordens de Vossa Alteza*, mantendo no entanto a sua costumada delicadeza. E' depois que nos aparece em *O Congresso que Dansa* de Erik Charrell. Aqui, em nosso entender, está o melhor papel da sua carreira brilhante, marcado por uma superioridade de exteriorização de sentimentos, se até esta altura mais ou menos demonstrado, nunca tão culminantemente atingidos. Projectem vocês no «écran» da vossa mente as recordações gravadas por essas cenas tão cheias duma beleza encantadora e dum lirismo penetrante:

Cristel esperando o cortejo de Tzar; a sua partida para o Palácio; os encontros da deliciosa e ideal luvreira com o Imperador. Com que encanto ela se nos apresenta à maneira nada simples de 1815, sob uma montanha de rendas e crinolinas, ou suave e vaporosa como a mais bela das ninfas, sarandando num ambiente histórico que lhe parece natural e seu. Lilian vive à vontade êsse sonho, como se na sua frente não houvesse uma máquina

(Conclúe na pág. 12)

Os oito galãs de Lilian Harvey,

as raparigas portuguesas e eu

Tenho aqui na minha frente uma foto da Lilian em que ela está dentro duma banheira, muito divertida com um barquinho de papel que se prepara para pôr a navegar. Junto à banheira, numa saboneteira de arame prêsá à parede, estão uma esponja e um sabonete.

Vocês lembram-se com certeza desta cêna do *Cruzeiro do Amor*, passada no Hotel Negresco, em Nice.

Pois é. Tenho aqui a Lilian na frente e não me apetece nada escrever.

Olho para ela, depois olho para o barquinho e volto a olhar para ela.

Pouso a pênna, encosto-me para trás, espreguiço-me indolentemente — bem sei que é feio, mas ninguém viu — sinto um torpôr delicioso, acendo um cigarro e murmuro muito baixo, entre dentes; — quem me déra ser barquinho . . .

Oh palavras que disseste! Juro-vos por tudo que mal tinha acabado de confessar êste desejo, o barquinho de jornal, como se fôsse um desenho animado transformou-se num horrível focinho de dragão e olhou para mim de tal maneira que eu tive mêdo e fechei os olhos.

Quando os abri novamente voltei a ver o barquinho muito socegado, como se não fôsse nada com êle e todo satisfeito — pudéra! — por a Lilian estar a brincar com êle.

Eu é que não acreditei naquela calma aparente e envergonhado, como quem busca um prêmio de consolação, confessei de modo a ser ouvido pelo náutico objecto: — vá lá, já me contentava em ser sabonete ou esponja . . .



E, por associação de ideas, pensei nos homens que têm convivido com a Lilian Harvey, principalmente aqueles por quem ela se costuma apaixonar nos filmes.

Consultei o meu arquivo e organizei uma lista: Harry Liedtke, Harry Halm, Igo Sym, Werner Fuetterer, Robin Irwin, Willy Fritsch, André Roanne e Henry Garat.

Eis os oito homens que compartilharam da sorte deliciosa do amor — embora fingido — da Lilian Harvey!

Eis oito grandes felizardos!

Tentei depois recordar cênas de filmes mudos, de filmes que vi há anos, mas nada, nem uma única me ocorreu.

Tentei também lembrar-me das fisionomias dos galãs que contracenaram com ela só em filmes silenciosos.

O Robin Irwin e o Harry Liedtke tinham-se varrido por completo da memória e apenas recordei muito vagamente o rôsto bolachudo do Harry Halm, a cara comprida de Igo Sym e a fisionomia meni-neira do Werner Fuetterer.

Em seguida desenhou-se nitidamente na minha memória a figura do Willy Fritsch.

E, pensando nêste, senti um arrepio. E' que êste não se contentara em fazer filmes diante da objectiva, sob as ordens do realizador; o Willy tinha também feito filmes por conta própria! . . .

E que deliciosas fitas que êle não devia ter feito...

*

*

*

Imagem vocês que quando acabei de escrever o que está acima, quando comecei a magiar nas fitas de carácter particular que o Willy Fritsch devia ter realizado com a nossa madrinha, fiquei de tal forma perturbado que não pude continuar.

Levantei-me e saí de casa, procurando acalmar um pouco com o ar fresco.

A' porta dum café da Baixa encontrei o Antero Faro. Conversámos um bocado e eis que o Antero me principia a contar coisas ocorridas em S. Mauritz, quando êle lá esteve com a Lilian Harvey e com o Willy Fritsch.

E — dir-se-ia que de propósito — desata a falar dos olhos ternos que a Lilian tinha para o Willy, dos olhos açucarados que o Willy tinha para a Lilian, dos olhos lamechas que a Lilian e o Fritsch tinham um para o outro.

Nesta altura não pude mais.

Despedi-me à pressa, balbuciei uma desculpa, corri para casa e meti-me debaixo do chuveiro.

A água fria fez-me bem, restituiu-me à normalidade, e agora já posso continuar a escrever.

Ora bem. Dizia eu . . . ah! já sei. Dizia eu que dos galãs que tinham aparecido com a Lilian em filmes mudos só o Willy Fritsch se desenhava nitidamente na minha memória.

Sim, mas é que êste já apareceu em Portugal a falar, e além disso até há coisa de dois anos, volta e meia estava pelos nossos «écrans».

Os outros, os que só apareceram em filmes mudos, já quási me não lembro dêles, nem é preciso.

Eram fantasmas que andavam sem fazer barulho, que falavam sem que nós os ouvíssemos, e que já desapareceram, de quem já ninguém se lembra, que já não existem senão em longas tiras de celuloide

enroladas em caixas de fôlha cobertas de teias de aranha. Fazamos mesmo de conta que nunca existiram.

O Willy Fritsch também já morreu, pelo menos para nós.

Ele só sabe falar alemão — que bruto! — de forma que nunca mais cá volta, porque ninguém o compreendia.

Portanto, raparigas, não pensem mais em nenhum destes. Acabaram, morreram já. Que a terra lhes seja leve.

Temos agora o André Roanne e o Henry Garat.

O primeiro é um parvinho, muito vaidoso, que está sempre a fazer carinhas bonitas. E' dos tais que apetece dizer: que lindo menino para deitar ao mar! Nem vale a pena falarmos mais dêle. Fazamos de conta que já o deitaram às salsas ondas e que o pequeno não sabia nadar.

Resta-nos agora o Henry Garat.

Tenho constatado que tôdas as raparigas que gostam dêle são palermas.

E vocês, raparigas que lêem a *Invicta Cine* não são palermas e portanto não gostam dêle, tenho a certeza.

Pois bem. Se vocês têm muito interesse em se apaixonar por alguém, não pensem nos galãs da Lilian Harvey nem em quaisquer outros actores cinematográficos.

Sigam o conselho do Douglas... Faz Bankos.

Apaixonem-se por mim ou pelo Alves Costa, que sômos os dois rapazes mais simpáticos de Portugal.

E já agora deixem-me fazer-lhes uma confiança.

O Alves Costa é muito simpático, é muito inteligente, é muito bom rapaz, eu sou sinceramente amigo dêle, mas... tem um contra.

Não vos revelo êsse contra, para que não digam que é caso de concorrência desleal, mas também não pude deixar de vos prevenir.

Enfim, acho que o mais seguro, o mais acertado é vocês apaixonarem-se tôdas por mim.

Vá, não façam cerimónia.

F E R N A N D O .

Eu... sonhei com Lilian Harvey

O general em chefe, que na nossa revista é representado por Roberto Lino, deu uma ordem terminante — todos os colaboradores da *Invicta* são obrigados a escrever algo sôbre Lilian Harvey — Este «ultimatum» sêco, imperativo, trouxe-me uma grande desilusão, pois eu esperava que a minha predilecta Bille Dove, triunfasse, e desde há muito que tinha composto um artigo recheado de elogios e de frases bonitas. Porém a eleita foi outra, por uma maioria esmagadora, e eu tenho que prestar vassalagem à nossa madrinha. No entanto o que eu pensava fazer por obrigação, passei-o a fazer por devoção.

Lilian na verdade é bonita, fascinante, possui inúmeros encantos, uma voz que mesmo ordenando parece suplicar e que suplicando obriga a obedecer.



E como neste século de comodismo devemos ir pelos grandes triunfadores, eu subordinei-me à maioria. E depois de socegado o meu espírito, por êste raciocínio, resolvi fazer o artigo sôbre a deliciosa artista.

Mas que dizer? Lilian Harvey tem sido apreciada em tôdas as fases imagináveis, tem sido vista através de tantas imaginações, que, mesmo procurando muito, não encontrava uma nêsga que eu pudesse aproveitar para fazer o «artigozinho». Cismei, pensei, mas da minha inteligência nada brotava, e, talvez, devido a êste ingrato esforço, adormeci sôbre a minha escrivanhinha. E então sonhei, que lindo sonho!... que eu era o companheiro de Lilian Harvey num dos seus filmes.

Que nêle, oh suprema ilusão, teria ocasião de provar que entre os portugueses também havia Henry Garats e Willy Fritschs que sabiam amar... mesmo a fingir... o que era belo. Sonhei que me encontrava num bosque, imaginem! sôsinho, e que, repentinamente, surgia uma imagem de mulher, fascinante, sedutora, que encarnava nela a alegria e a felicidade de viver... E essa mulher, era Lilian Harvey. E quando julgava que ela se abraçava a mim, cantando:

« je ne sois rien de toi »...

acordei sobresaltado.

Chamavam-me para jantar. E eu, meio desapontado, desistindo de escrever o tal artigo, lá fui com a consolação de que « tout est permis quand on rêve » mesmo que depois se saiba que « c'était un rêve, un joli rêve, beaucoup trop beau pour être vrai »...

J O A Q U I M A . T E I X E I R A .

Lilian Harvey, os meus leitores e eu!

De entre todos nós, o mais entusiasmado com a eleição da madrinha era eu. E era eu por duas razões, absolutamente lógicas:

Primeiro, porque se tratava duma ideia minha, que eu gostava de ver coroada de feliz êxito. Segundo, por causa dum caso particular que vos contarei:

Que eu sou um tipo muito simpático, que eu sou um excelente rapaz, já vocês sabem e estão fartos de o reconhecer, como pessoas inteligentes que são. Mas de mim vocês não sabem mais nada. Não vos contarei a minha biografia, descansem. A minha vida desde a meninice até hoje, tem corrido calma e vulgar como a de qualquer insignificante exemplar da espécie humana. Apenas tenho sido um pouco bafejado pela sorte. Em pequeno, como filho único, todos me rodeavam com carinhos sem fim, fazendo-me tôdas as vontades, dando-me tudo quanto eu queria. Quando cresci e me fiz homem, a D. Sorte continuou a fazer-me festinhas, meigamente, e, se bem que ao jôgo eu perca sempre, por outro lado, justificando o adágio, tenho recebido a justa e agradável recompensa...

Mas se durante os 22 anos da minha existência, sôbre êste torrão delicioso da Europa, eu tive sempre o que desejei — porque isto é tudo uma questão de geito, acreditem — só uma coisa, que eu não pude desejar na altura própria, me faltava. Quando me levaram à pia baptismal e um sujeito pançudo, ali da igreja de Cedofeita, leu num livro umas três em latim e me despejou, sôbre a cabeça, uma concha de água suja, eu não tive madrinha. Tive dois padrinhos assistindo à importante cerimônia do meu baptizado, dois padrinhos que são duas excelentes almas, que me querem como a um filho... mas, o caso é êste: nunca tive madrinha!

Assim, a eleição da madrinha da *Invicta*, a eleição da *nossa* madrinha, tinha para mim uma importância excepcional, extraordinária; vinha encher um vácuo na minha vida. E hoje também tenho uma madrinha... e que madrinha!...

*
*
*

Mas vamos adiante. Eu também votei pela Lilian Harvey, a mais deliciosa, a mais adorável das figurinhas do «écran»! E que melhor madrinha poderia eu desejar?. Por isso, as cartas daquêles de vocês que votaram por ela, mereceram-me especial atenção. Tenho-as aqui, tôdas, na minha frente, em dois montões. Uma são cartas pequeninas, com meia dúzia de palavras precedendo o nome de Lilian Harvey; outras, em grandes letras mais ou menos pitorescamente desenhadas, têm apenas isto:

«Eu voto pela Lilian Harvey!» Mas há quatro ou cinco cartas que merecem menção especial:

Uma delas não é uma carta, é um abaixo assinado, organizado por Eduardo Soares e diz assim: «Um grupo de alunos do Liceu Alexandre Herculano, abaixo assinados, saúdam e cumprimentam a simpática revista *Invicta Cine* e escolhem para sua madrinha LILIAN HARVEY». Seguem-se vinte e nove assinaturas.

Cinco pequenos leitores da *Invicta* (quatro raparigas e um rapaz) mandaram-me uma carta escrita por Maria Helena, a mais velha de tôdas (menciona a idade: 12 anos) e redigida nestes termos: «Cinco leitores da *Invicta Cine* revista muito apreciada por todos nós, vimos dar o nosso voto pela encantadora Lilian Harvey, que muito estimávamos que fôsse proclamada madrinha da *Invicta Cine*, pois se assim acontecesse liamos a referida revista com mais gôsto ao lembrarmo-nos que a nossa atriz querida era a madrinha dêsse semanário cinematográfico». Seguem-se cinco assinaturas por ordem decrescente de idades.

Um leitor de Coimbra ameaça-nos: «Se vocês não elegem para nossa madrinha a linda Christel do «Congresso que dança», por quem eu voto desde já, garanto-vos que não lerei nem mais um número da *Invicta*. Por isso vocês vejam lá se fazem a propaganda de Lilian senão têm de se haver com — *O Maior Apaixonado pela Lilian Harvey*».

Um outro leitor, «Frita Laranjas», escreve-me uma longa carta, falando com graça da obra de rejuvenescimento que a *Invicta* está levando a cabo e oferecendo-nos o seu auxílio para a eleição da madrinha. Começa por colocar em parada as artistas



portuguesas... mas, é claro, nenhuma delas serve, nenhuma possui os requisitos desejados. Escreve então: «Postas as nossas «estrêlas» para segundo plano, vamos às estrangeiras, às internacionais, que contam milhares de fotos esmaltando as mais variadas publicações:

«Clara Bow seria certamente a escolhida se o plebiscito fôsse feito dois anos atrás. Hoje está esquecida, excluída. Anita Page não serve porque só sai acompanhada pelo papá e pela mamã. Armida não vos serve por causa das pernas; a *Invicta* passaria a sair com meses de atraso. Jeanette Mac Donald seria a preferida se a *Invicta Cine* fôsse 100 % falada e cantada. Laura La Plante, muito bôa para chamar o A. A. Pereira para padrinho. Enfim, com estas, tôdas as outras seriam eliminadas. Quatro nomes ficariam sômente; Anny Ondra, Alice White, Bessie Love e Lilian Harvey. De Alice White o público vai-se esquecendo —ela aparece em tão poucos filmes! — Por exclusão de partes temos: Anny Ondra, Bessie Love e Lilian Harvey.

«Qual das três? Não éroro dizendo: Lilian Harvey.

«Não porque ela seja mais genuinamente século xx, mas porque só se canta e dança: *Ville d'amour*, *Zanzibar*, «*Je ne sais rien de toi*», *Tout est permis quand on rêve*, *Ce n'est qu'un rêve* e tôdas as outras que a Lilian canta ante nossos ouvidos maravilhados».

«Frita Laranjas» tem razão.

Há quási duas semanas que eu não canto senão as canções dos filmes de Lilian Harvey...

E agora, para terminar, leiam êste engraçado «arranjo» que «Um velho Cinéfilo» nos mandou a acompanhar o seu voto por Lilian:

«Uma vez uma *princêsa travêssa*, na companhia das *Borboletas do Maxim's* foi ver a fita *Amor e Clarins* e gostou tanto da Lilian Harvey que, mal conseguiu umas pequenas *férias matrimoniais*, foi procurar sua prima, a *Casla Suzana* para a convencer a votar por essa artista na eleição da madrinha da *Invicta*. De regresso a casa, como o pai se lamentasse por causa dum estranho caso de *paternidade inesperada*, que o deixára entre duas soluções, sem saber qual das duas preferir, a princêsa resolveu ir passar uma noite em Londres. Adeus, Mascotte, disse-lhe o progenitor, e deixou-a partir para a capital inglesa onde se realizava então o *Congresso que dança*. Dias depois o Príncipe de Gales, vendo a linda rapariga, procurou travar relações com ela e, uma bela tarde, fez-lhe uma proposta ao ouvido... *A's Ordens de Vossa Alteza*, foi a resposta. E o gentil par, marchando com os dois corações a compasso, fugiu para sempre, em busca do *Caminho do Paraíso*».

Eu ia a acabar aqui... mas, afinal, já não acabo outra vez, porque o Director trouxe-me uma agradável notícia para dar a dois dos meus leitores: «Bibok», por ter sido a primeira, dentre todos, a votar por Lilian Harvey e «Um velho cinéfilo», por ter sido o autor da carta mais original que recebemos, são convidados a indicar-nos as suas direcções para enviarmos a cada um uma linda fotografia da nossa Madrinha.

Quem é amigo?



Lilian, a madrinha

Que devo eu dizer desta madrinha? Que mais hei-de escrever dela, além daquilo que já está escrito? Sômente cumprindo a praxe, eu devo dizer a causa porque o meu voto foi para ela.

Lilian Harvey, figurinha encantadora duma vivacidade sem par, boneca frágil, amimada pelo mundo inteiro, pela legião de milhões de cinéfilos, se lhe fôra possível saber que uma revista a tinha elegido madrinha talvez tivesse um sorriso garôto, talvez pensasse em fazer qualquer travessura a êstes pobres cinéfilos, que só a ela vêem no «écran», quando interpreta.

Boneca frágil, lhe chamamos, porque se há artista que nos leve como crianças através dos filmes, Lilian, tem em duplicado êsse extraordinário condão. Sômos crianças perante a sombra-luz dêsse impalpável sêr da tela, rimos e vivemos com ela, sempre seguindo a sua figura *mignone*, que dá luz à luz.

Um extraordinário *biscuit* que nos apetece amimar, que nos dá vontade de acarinhar, que tem sido, no «écran», princesa e modêlo.



Ah, com que vontade, às vezes, se estrangularia aquele mau galã que a faz sofrer penas de amor? Com que prazer não veriam, certas cinéfilas, o seu desaparecimento, para que os seus galãs, não tivessem a preocupação de torná-las outras tantas Lilians, numa quadra em que as mulheres querem ser Marlénes ou Garbos?

Todavia, o Saxe que esvoaça dentro de rendas, o cabelo de ouro, que ondula em sonhos quiméricos o pensamento de cinéfilos, cabelos que fazem negações de sonhos e de promessas, conserva-se para todos, numa perpétua meninice, a pedir carícias, e quem sabe com que prazer lhas dariam, a pedir beijos...

Impalpável, na figura leve das suas criações esta luveira de «O congresso que dança» tam terna, tam meiga, que seduz um czar, que o leva através das hortas de Viena como se fôra o mais modesto dos seus oficiais, que é um diabrete provocante em «Casta Suzana» e uma extraordinária e esquisita «esposa» em «Férias matrimoniais», tornou-se o bibelot de luxo, da coorte de adoradores e adoradoras que tem.

Porque votei em Lilian Harvey?

Porque escolhi esta artista para ter um afilhado de vélha idade, marmanjo crescido e simultaneamente bom rapaz?

Eu próprio não sei. A loira filha de Albion que antes de ser atraída pela arte do cinema tinha sido discípula de Terpsicore, teve para nós o condão extraordinário de nos fazer recordar alguns sonhos

duma felicidade idealizada, mas realizável pelas maldades do mundo.

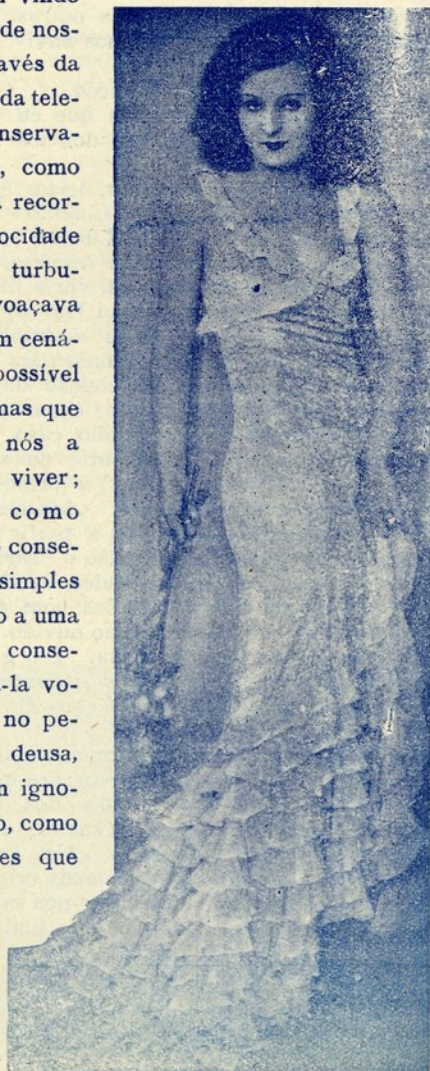
Cabelos loiros, de reflexos metálicos, brilho de outros tantos punhais que inocentemente têm cravado em muito coração môço. Bôca pequena e terna, a pedir não um beijo quente, sensual, mas a carícia dum beijo, num rosto de perpétua mocidade, sempre confrangido, quando há males de amor. Sonho dum outro sonho, quiméra irrealizável, duma irrealidade, vida que vive o fictício e que neste momento nos leva a pena a traçar letras, a enegrecer papel, numa ânsia de lhe dedicar o impossível, de dizer o que à palavra não basta por falta de materialidade... Risos que nos afastam do positivismo de hoje e nos levam a ver verdade naquele «Congresso que dança» naquela agradável comédia de «O Cruzeiro de amor». Riso perene em «O Caminho do Paraíso» comunicativo, que nos torna a vida leve e nos afaga, nos acalenta para as lutas do amanhã, com os sorrisos que dimanam do «écran»...

Mas, infelizmente, o biscuit, o bibelot de Saxe partir-se-há um dia...

Embora, aquele rosto ficará perdurantemente na memória dos cinéfilos e o seu nome na história do cinema. Amanhã, quando vélhas fórmulas, quando novos

ídolos tiverem vindo encher a alma de nossos netos, através da última criação da televisão, nós conservaremos ainda, como em relicário, a recordação da mocidade desta Lilian turbulenta, que esvoaçava no «écran», em cenários de impossível realidade, mas que deixava em nós a alegria de viver; dir-lhe-emos como era bela, como conseguira que um simples mortal, sentado a uma secretária, conseguisse levantá-la voluntariamente no pedestal duma deusa, um mortal tam ignorado e modesto, como muitos daqueles que r e n d e m homenagem à sua permanente mocidade.

S .



Um artigo sôbre Lilian Harvey a propósito de «Dois Corações a Compasso»

Num sábado de Dezembro de 1926, o «Trindade» estreava o filme *Amor e Clarins*. Ao lado de Henry Liedtke, um actor então bastante popular, aparecia nesta engraçada comédia sentimental, uma deliciosa rapariga loira, tôda vivacidade e juventude, que me era totalmente desconhecida. Mas as suas maneiras revelando uma personalidade apreciável, posto que visivelmente mal desenvolvida, chamaram a minha atenção e levaram-me a procurar saber o nome dessa rapariga. Chamava-se ela Lilian Harvey.

O tempo correu e, alguns meses depois, Lilian Harvey voltava a aparecer no «écran» do «Trindade», primeiro em *A Princesa Travêssa*, ao lado de Dina Gralla e do orelhudo Harry Halm, depois em *As Borboletas do Maxim's*, ainda com Dina Gralla a emparceirar. Desde então não perdi ainda um único dos filmes de Lilian Harvey que vieram ao Pôrto. A sua carreira, melhor direi a sua ascensão tenho-a seguido a par e passo, desde êsses dias longínquos em que ninguém sonhava sequer o que essa artista viria mais tarde a ser, e tenho-a seguido — digo-o com prazer — com uma fidelidade nunca desiludida.

Recordem os filmes passados em Portugal em 1927, recordem as comédias alemãs que então se exibiram entre nós, e vejam quantas artistas desapareceram ou foram decaindo até à mais cerrada obscuridade. Que é feito da Xenia Desni, a deliciosa violinista do *Sonho de Valsa*? Que é hoje Dina Gralla, que tantas esperanças nos deixára com os seus primeiros filmes? Onde está Lya Mara, a graciosa intérprete de *Nas Margens do Danúbio*? E a Ossi Oswald, a Anny Ondra dêsses tempos idos? E a Mady Christians, que tão bôa artista se revelára em *Sonho de Valsa*? Que é feito delas? Umhas, desapareceram; outras decaíram... para sempre.

Mas Lilian Harvey ficou. E ficou, porque devia ficar. Lilian Harvey não é uma artista vulgar «lançada» à pressa pela publicidade duma emprêsa produtora que necessita dum nome novo, duma nova estrêla. Lilian Harvey é uma artista que se fez aos pouquinho, de filme para filme; que, passo a passo, se foi revelando ao público e a si própria. A sua personalidade, o seu *il*, fôram-se cultivando e, conseqüentemente, a sua «maneira» foi evoluindo, aperfeiçoando-se, subtilizando-se.

A Lilian de hoje mal lembra a Lilian de ontem. O sonoro, então, abriu-lhe um campo larguíssimo que ela ainda não havia explorado: a corografia, e no

qual ela caminha como em terreno fâcilmente conquistado e bem conhecido. Vejam bem um filme de Lilian Harvey e atentem bem nela. Lilian está continuamente bailando. Todo o seu corpo de boneca mimosa, desde os pés até aos dedos esguios de suas mãos, movimenta-se com ritmo, com harmonia musical. Lilian não anda, dança. Recordam-se daquela passagem lindíssima do *Congresso que dança*, quando Christel entra no palácio que lhe ofereceu o Czar? Se outras, muitas outras não houvesse, neste e em outros filmes, essa cêna bastaria para me fascinar pela graciosidade inigualável com que ela executa cada movimento: o andar saltitante, o voltejar rápido de sua cabecita loira, o ondular de seus braços, o abrir e fechar de suas mãozitas.

O sonoro revelou-nos, também, a voz de Lilian Harvey, uma voz delicada, musical e harmoniosa como seus movimentos, à qual ela sabe dar as mais variadas entoações, as mais belas «cambiantes» com aquela espontaneidade que marca os verdadeiros artistas.

Vejam *Dois corações a compasso*. Reparem nas três maneiras como ela «diz» aquela canção que começa assim: «Je suis Lola, l'ensorceleuse...» — logo de início, sorridente e agarotada; mais tarde, diante do director do cabaret, nervosa e inquieta; depois ainda, quâsi a chorar, no final da fita.

Eu encanto-me de vêr e ouvir Lilian Harvey. Há nela qualquer coisa de irreal que seduz; há nela qualquer coisa que nos insufla mocidade, poesia e alegria sã de viver.

Há artistas que me divertem, há artistas que me emocionam até ao mais alto grau, há artistas que me deixam frio, como há artistas que me aborrecem. Mas artistas que *me façam bem*, que me façam sentir



com pureza uma satisfação entusiástica pela minha vida de rapaz, cheia de mocidade e alegria, só há uma: é Lilian Harvey!

*
*
*

Dois corações a compasso é uma comédia musical, cem por cento deliciosa. Bem feita, homogênia, harmoniosa, alegre, bonita. Wilhelm Thiele é especialista. Os seus filmes, cheios de ligeireza mas com ritmo, mesmo na sua superficialidade encantam sempre. Ele, também, sabe o que faz. Não há um bailado que seja longo em demasia, não há uma canção metida a mais (há até uma muito interessante tocada ao piano e cantada por Lilian e Garat); tudo está medido, ordenado e conduzido sem espaventos mas com mão habilidosa. As filmagens, felizes e com algumas boas movimentações de câmara (valsa dançada por Lilian e Garat), as perfeitas ligações de cena para cena, o intercalamento de detalhes cómicos (êsse Lucien Baroux é impagável!), a música lindíssima de Jean Gilbert e o excelente desempenho do par Harvey-Garat, fazem de *Dois corações a compasso* uma obra delicada, que se vê com absoluto prazer... porque, apesar de se tratar dum filme de bases ligeiras, a parte *cinema* não foi descurada.

E agora, para finalizar, mais uma nota sobre Lilian Harvey. Gostaria de ver esta artista nas mãos dum grande realizador, num filme «d'avant garde». Vocês já sabem que eu sonhei com uma bucólica cinematográfica composta por um Eisenstein, na qual Lilian Harvey não fôsse a vedeta, mas sim o «elemento humano»?

A L V E S C O S T A .

OS FILMES DE LILIAN HARVEY

- 1923 — *Der Fluch*
1925 — *Die Liebschaften der Hella Von Gilsa* (Amor e Clarins)
As Borboletas do Maxim's
1926 — *Vater Werden Ist Nicht Schwer* (Paternidade Inesperada)
Die Keusche Suzanna (A Casta Suzana)
1927 — *Du Sollst nicht Stehlen* (Não Roubarás)
Eheferiens (Férias Matrimoniais)
Adieu, Mascotte (Adeus Mascote)
1928 — *Die Tolle Lota* (Qual das Duas?)
Ihr dunkler punk (O Sinalzinho Preto)
1929 — *Wenn du Einmal Dein Herz Geschenkst* (Se deres o teu coração)
Uma Noite em Londres
1930 — *Einbrecher*
Hokuspokus
Liebeswitzer (A Valsa do Amor)
Le Chemin Du Paradis (O Caminho do Paraíso)
1931 — *Calais-Douvres* (O Cruzeiro do Amor)
Princesse à Vos Ordres (As Ordens de Vossa Alteza)
Le Congrès s'amuse (O Congresso que Dança)
1932 — *Le Fille et le Garçon* (Dois Corações a Compasso).

NOTA — Os títulos de que não damos tradução, são os filmes de Lilian Harvey que até hoje não passaram nos nossos cinemas. Quanto aos títulos em francês, são filmes que contam versões alemãs (as originais) mas que não mencionamos por estas não nos terem sido apresentadas.

O elogio

de

Lilian Harvey

Aqui se fala da sua vida íntima e cinematográfica, frizando-se também a sua importância como artista.

(Continuação da pág. 5)

de filmar e um microfone, nem à sua roda se movimentassem actores animados pela ficção da arte.

Se bem que Lilian tenha a beneficiá-la bastante o conhecimento do francês, mais acessível ao nosso público, todos a compreendem, mesmo os que ignoram a língua em que ela fala. As suas palavras são acompanhadas de gestos e expressões tão claras, que estas, isoladas, bastariam para se fazerem compreender. Mas, quereremos nós dizer com isto, que o acessório da voz da intérprete de *O Caminho do Paraíso* é dispensável? Nada disso; demonstrar apenas que as suas faculdades de artista de *cinema* subsistem através de tudo sem se sentirem dominadas pela palavra. E no entanto, hoje, já não se poderia vêr com o mesmo prazer um filme dela, sem falar, habituados como estamos à sua vozita deliciosa e meiga a que o acento estrangeiro presta tão extraordinária graça. Dizem que os ingleses e alemães a adoram mais nas versões francesas do que nos filmes originais, pelo sabor agradável do seu incomparável sotaque.

*

*
*

As figuras do cinema, tôdas têm o seu romance amoroso, mais forte ou mais brando e sempre mais ou menos retocado pela fantasia da imprensa. E' um capítulo indispensável à biografia detalhada das grandes «estrêlas» e no qual a maior parte das vezes se desfia um rosário de amores com uns e com outros em que a levandade dum espirito insatisfeito e caprichoso, ou o cutelo lógico do divórcio, servem de passagem em cada élo dessa cadeia. Não vamos ter a veleidade de afirmar que a «nossa madrinha» seja insensível aos sentimentos que animam os sexos para a sua união. Mas podemos dizer sem sombra de exagero que é ela talvez a que menos romurejos tem dado nesse ponto pela sua placidez sentimental. E apesar de parecer paradoxal, a verdade é que Lilian é na vida particular alegre e divertida. Gosta de dansar, adora a música em tôdas as suas manifestações, desde as mais clássicas às mais hodiernas e extravagantes. E' enfim uma jóvem moderna com todos os requisitos indispensáveis e simpáticos a tôda a gente, mostrando-se sempre arrebatada com simplicidade e correção.

Lilian representa o modelo vivo da pequena de hoje, trepidante e garota, mas ingénua sincera sem o manto abjecto da hipocrisia.

O seu romance de amor tem girado sempre à volta de Willy Fritsch, isento de ruído e de espalhafato. Ambos se compreendem às maravilhas. Amícos? Alguns, mas simplesmente cinematográficos...

Há quem diga, agora, que eles se acham casados. E há quem negue, dizendo o contrário.

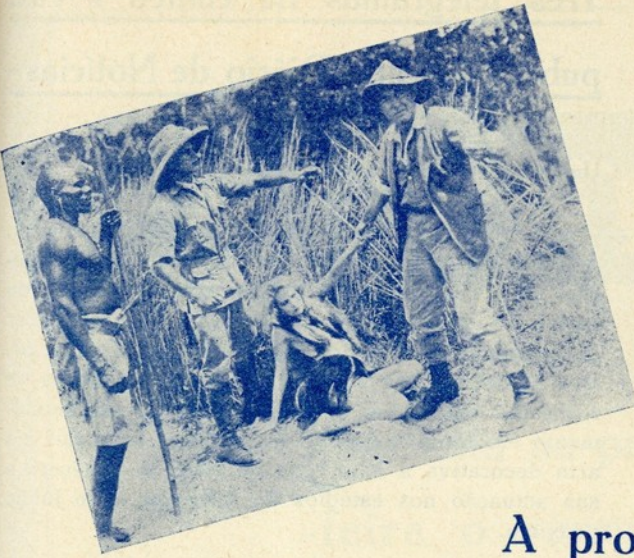
Nós é que não possuímos a certidão do casamento para podermos afirmar categoricamente se Willy é ou não marido de Lilian. Mas isso que importa?

*

*
*

Por tudo quanto dissemos e sobretudo por «ela nos mostrar incansavelmente a felicidade de viver na primavera do mundo e na primavera da vida» foi que a intérprete de *Dois Corações a Compasso*, ganhou justamente o título de *madrinha da «Invicta Cine»*.

J. ALVES DA CUNHA.



A propósito de Trader Horn AFRICA

Rugiu na selva, S. M. o Leão. E como por encanto, como se a voz do Criador houvesse repentinamente extinguido todos os animais, nada mais se ouviu, tudo se calou, parou a vida suspensa por aquele formidável urro do rei dos prados e dos bosques.

Mas, se S. M. compreendesse além daquilo que lhe foi dado pela animalidade e pelo instinto, se sem ser ferozmente, percorresse os seus bravios domínios, como rei absoluto, que é, talvez ficasse admirado de tanta timidez e cobardia.

A força em tôda a parte manda e impera, quer entre os animais, quer entre os homens.

O rugir do leão na selva, faz tremer as gracís gazelas, reúnem-se para a defesa as listadas zebras; naquele rugir, que é o sinal da luta titânica pela vida, há o desafio arrogante e despótico, a certeza da invencibilidade. Tudo faz silêncio, os macacos deixam de saltar nas árvores e os mais minúsculos passarinhos pipilam tremendo de medo.

Sômente o homem civilizado, acomete armado; sômente êsse déspota do mundo, ousa abater pela bala o orgulho daquele monarca impiedoso e feroz, sômente êle se dá ao luxo de tentar atravessar incolume tôda a selva africana, todo o sertão, quando não o impaluda um mosquito gerador de febres, para os quais não há balas e contra as quais não bastam cargas enormes de quinino. O homem, o déspota maior que o leão e inferior a êle na vida animal, sucumbe miseravelmente pela picadura da tromba dum insecto; o homem que zomba da agilidade leonina, da sua terrível ferocidade, graças ao seu progresso consciente, à sua civilização, cai vencido em lutas irrisórias, quanto a poderes. Mas, contudo, também uma formiga mata um leão, também mata um elefante; nestas duas últimas lutas não há armas, não há a consciência do super-civilizado; há simplesmente a quele



«struggle for life» que nos caracteriza desde os primeiros momentos da nossa vida. Por isso, o homem é inferior ao leão, na animalidade, matando com o auxílio de agentes secundários.

A vida na selva tem quiméras, tem verdades. O próprio indígena, não tem ali mais do que uma luta permanente por si próprio. E' sempre a mesma consciência do *ego*, a mesma noção da necessidade de existir, de

viver... E, no entanto, quando a paz, se há paz, cai às horas mortas do dia, sôbre aquelas florestas quási virgens, quando a radiação solar põe no terreno tremuras que fazem parecer o conjunto uma visão, quando tudo entra na sonolência que gera o calor tropical, quando tudo se amolenta, os reptis enroscados venenosos, parecem inofensivos, os macacos cabeceiam empoleirados no alto das árvores, com uma sentinela vigilante, pronta a dar sinal ao primeiro alarme; há uns outros animais que chapinham na água, mole e pesadamente, mexendo com dificuldade as suas carapaças terríveis, esperando que outros animais, na ânsia da sede, vão mergulhar o focinho na corrente lodosa dos rios do sertão africano, cheios de rápidos e cataratas, para surgirem bruscamente, abrirem umas fauces terríveis, repelentes, fauces que parecem querer abocar o espaço, fauces eriçadas de dentes ponteagudos, que se fecham com um triturar de ossos, sôbre o focinho do descuidado, o arrastam impetuosamente para o fundo das águas, nas quais a toalha de algas imundas, se abriu e se fechou como lousa sepulcral, para dar passagem ao corpo daquele desgraçado; na hora amena do dia, em que se não ouvem os pássaros, e as borboletas não põem no espaço as cambiantes vivíssimas das suas asas matizadas de lepidópteros, S. Ex.^a o crocodilo, tão pesado, tão dificilmente móvel,

janta matando na eterna luta pela vida.

Nesta mesma hora, quando o sol atinge a canícula, a selva tem um aspecto diferente

daquele que apresentaria aos olhos extasiados de qualquer admirador que a tivesse visto matutina-mente. De manhã cantava-se a alegria de viver, saúdava-se o sol, o fecundador de todo o bem e todo o mal; fazia-se como que um hino à vida por se haver escapado à fúria noturna dos felinos, sentia-se, que, apesar de tôdas as coisas, de ir recommençar um dia de novas lutas, a vida tinha e tem algo de muito belo para que mereça a atenção e cuidado.

Na função terrível, contínua e permanente da luta pela vida, no urro do leão que atrôa a selva, na manha do crocodilo, no ataque da formiga e do mosquito, no volitar da borboleta na imperceptível e incompreensível vida do micróbio, há apenas a luta primária pela espécie, a luta constante pela fêmea, na ânsia de uma não extinção da raça; mas, são as cambiantes desta luta, são as suas modalidades, que definem a situação e a finalidade da existência do animal sôbre a Terra; são as lutas geradas, que fazem ter a tudo quanto existe, possuindo animalidade, a alegria do existir.

Por isto, por esta singeleza tão complicada, por esta difícil facilidade da existência das coisas, a vida da selva ou da planura tem a mesma finalidade da vida das cidades ou dos campos. Sempre a mesma luta com a sua inflexibilidade dogmática, sempre a mesma vida, o mesmo fim, o mesmo principio.

Ao cair das tardes, na selva, quando a luz se cõa através dos ramos ciclópicos dos ibomdeiros ou das fôlhas amarelentas dos palmares, quando os raios do sol fazem riscas luminosas na densidade da penumbra crescente, quando hienas e chacais se preparam para o banquete noturno com os restos, já em decomposição, das lautas refeições de S. M. o Leão, o homem, o preto, sentindo que com o acabar da luz e do dia, cessa o seu predomínio de forte, recolhe-se apressadamente às suas cabanas, fecha o seu gado, acende o fogo de pedaços de bambú que terão o poderio de afastar para longe todos os seus inimigos. A vida da selva é bela, mas há-de ser compreendida...

*

Brevemente um filme intitulado *Trader Horn* será projectado sôbre um «écran».

Mais eficazmente que qualquer narração, de que dirá o arrasoado que se possa escrever, o cinema todo em imagens, falará daquilo que tão mal conhecido é.

Trader Horn, documentário da selva africana, com uma leve história de amor que se resume e resumirá sempre na luta pela fêmea, na finalidade da função reprodutiva, tem aliada à função educativa, a grande criação artística que representa.

E' um filme que deve ser visto por todos aqueles a quem interessa não só o estudo, mas o conhecimento visual das realidades.

S.

Três telegramas da United Press, publicados no «Diário de Notícias»

Um príncipe realizador de filmes

O segundo filho do príncipe herdeiro da Suécia, príncipe Sigvard, acaba de ser contratado pela direcção da UFA, a-fim de actuar como ajudante do realizador de um novo filme que começará a ser executado nos estúdios de Noubabelsberg. O príncipe, que já demonstrou as suas notáveis faculdades de realizador teatral em Estocolmo, encontra-se actualmente em Munich estudando os trajes regionais e a arte decorativa a empregar no filme e começará a sua actuação nos estúdios da UFA em 1 de Junho próximo.

O leão da M. G. M. enfurece-se

O leão-mascote da «Metro Goldwin Mayer», que todo o público português conhece de ver e, ultimamente, ouvir rugir nas primeiras legendas dos filmes distribuídos por aquela casa, acaba de dar que falar, sèriamente, de si. «Leo», assim se chama o felino que se portava admiravelmente diante da objectiva das câmaras de filmar, conduzido a um estúdio da emissora da T. S. F. do Boston Hotel, quando intimado pelo seu guarda a rugir, não simpatizou com o microfone nem com o ambiente e, tomado de súbito acesso de fúria, lançou-se sôbre o microfone, destruindo-o, e irrompeu por entre os presentes fugindo para a rua, onde, antes de poder ser recapturado, feriu três raparigas e dois homens.

As prosperidades de Clara Bow

Clara Bow decidiu-se, finalmente, a regressar a Hollywood onde irá interpretar diferentes filmes, depois de lhe ser garantido um ganho semanal de 30.000 dólares. Por haver estado bastante tempo ausente e inativa, a artista aumentou consideravelmente de pêso pelo que começou com um treino especial de cultura física que, espera, lhe devolverá as suas anteriores faculdades.

BONUS

Oferecido aos leitores da INVICTA CINE
pelas Ex.^{mas} Empresas dos Cinemas:

AGUIA D'OURO

50 % de desconto em todos os lugares na matinée do dia 14 de Maio de 1932.

O L Y M P I A

50 % de desconto em todos os lugares nas matinées dos dias 12 de Maio ou 14 de Maio de 1932.

O D E O N

50 % de desconto nos lugares de Fauteuilles e Balcão no dia 14 de Maio de 1932.

As crianças que por ventura forem acompanhadas do portador deste BONUS, não têm direito a entrada gratuita.

Guia d'Ouro

Apresenta na próxima segunda-feira o super-documentário realizado por S. W. Dyke com Edwina Booth, Harry Carey e Duncan Ronald

TRADER HORN

O qual nos revela a Africa selvagem com as suas paisagens esplendorosas, as suas lutas de animais e todos os seus emocionantes mistérios.

Um filme de audácia, de aventura e de milagre

CASTELO LOPES, L.^{DA}

A firma detentora dos melhores
filmes europeus e americanos

Apresenta nos cinemas
São Luiz e Condes, de Lis-
boa, a famosa obra de
Charlie Chaplin (Charlot)

AS LUZES DA CIDADE

A super-produção que
maior sucesso obteve
até hoje em Portugal

A exibir brevemente no Porto